

Tempo, Aspecto, Modo / Modalidade (TAM) na expressão de futuridade

(Tense, Aspect, Mood / Modality – TAM – in expression of future tense)

Ana Maria Hernandes da Fonseca

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de São José do Rio Preto, FAPESP (processo 2007/57282-7)

anahernandes82@gmail.com

Abstract: This paper focuses on the construction *ir+infinitive*. We undertook an analysis on this construction from the point of view of grammaticalization in order to portray the multifunctionality of this verbal group. In addition to the marker of futurity, aspectuals and modal values were updated. We believe that the multifunctionality of this construction is a consequence of varying degrees of grammaticality in this verbal group and its *types* are updated following the universal grammaticalization order of inflectional verbal categories (BYBEE, 1985).

Keywords: grammaticalization; multifunctionality; *ir+infinitive*.

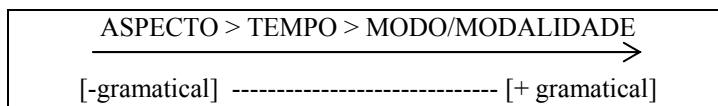
Resumo: O presente trabalho tem como foco a construção *ir+infinitivo* e sobre ela empreendemos uma análise sob o ponto de vista da gramaticalização, buscando retratar sua multifuncionalidade, já que, para além da marcação de futuridade, atualizam-se também, nela, valores aspectuais e modais. Hipotetizamos que a multifuncionalidade desse grupo verbal é consequência da manifestação de diferentes graus de sua gramaticalidade e que cada um de seus *types* se atualizam seguindo a mesma ordem universal de gramaticalização das categorias verbais flexionais (BYBEE, 1985).

Palavras-chave: gramaticalização; multifuncionalidade; *ir+infinitivo*

0. Introdução

Como parte de um projeto mais amplo em que investigamos a construção *ir+infinitivo*, na interface Sociolinguística/Gramaticalização, restringimo-nos, no presente artigo, à apresentação das diferentes funções semântico-pragmáticas – *Temporal, Aspectual e Modal* – que, no PB, podem ser atualizadas nesse grupo verbal. Partimos da hipótese de que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* é resultado da manifestação de diferentes graus de sua gramaticalidade, pois, consoante *princípio da divergência* (HOPPER, 1991), a forma/construção que dá origem a um processo de gramaticalização pode permanecer no sistema como forma/construção autônoma, levando à coexistência de múltiplas formas/construções de etimologia comum, porém divergentes funcionalmente. No caso específico de *ir+infinitivo*, esse princípio é claramente verificado; não só há diferenças funcionais entre a construção fonte [*ir+oração infinitiva*] e as construções gramaticalizadas realizadas por meio de [*ir+infinitivo*], todas coexistindo sincronicamente, como também há diferenças funcionais entre as próprias construções gramaticalizadas, uma vez que, para cada grau de gramaticalidade da perífrase, há a predominância de uma das categorias associadas ao verbo: *Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade*. Estudos anteriores de base tipológica (BYBEE, 1985) mostram que há uma tendência universal na ordem de ocorrência dos morfemas verbais flexionais em relação ao radical do verbo. Esse trabalho nos permitiu elaborar um cline de gramaticalização das categorias verbais flexionais, conforme mostrado abaixo.

Quadro 1. Cline de gramaticalidade das categorias do complexo TAM



Buscamos, a partir dos estudos tipológicos em gramaticalização (BYBEE, 1985), apresentar a possível trajetória de gramaticalização de *ir+infinitivo*, a qual supostamente se instancia no interior de um processo maior de gramaticalização das categorias verbais do complexo TAM.

O artigo encontra-se assim estruturado: na primeira seção, apresentamos os subsídios teóricos necessários para a explicação da formação e da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*; na segunda seção, expomos a metodologia utilizada em nossa análise; na terceira seção enumeramos as diferentes funções semântico-pragmáticas que podem ser atribuídas, sincronicamente, a *ir+infinitivo*, partindo de amostras de fala do português brasileiro (PB) contemporâneo; nas considerações finais, com base nas análises empreendidas e na literatura, propomos a trajetória de gramaticalização de *ir+infinitivo*.

1. Subsídios Teóricos

1.1 O tratamento de *ir+infinitivo* sob a perspectiva da Gramaticalização

Concebe-se, com base em estudos puramente sincrônicos (ALMEIDA, 1980; SILVA, 2002; GIBBON, 2000), que, para a formação da perífrase verbal *ir+infinitivo* codificadora de futuridade, o verbo pleno *ir*, por um processo de gramaticalização, sofreu um “esvaziamento semântico” do seu significado original de deslocamento e foi recategorizado como verbo auxiliar, exprimindo noção de futuridade, quando seguido de um verbo principal. Silva (2002) alerta que, embora haja esse esvaziamento semântico, é o movimento implícito em *ir* que dá ideia de posterioridade. Contudo, a ideia de movimento, transmitida *metaforicamente* à forma mais gramaticalizada, é a de um movimento temporal, mais abstrata, portanto, do que a ideia de movimento espacial da forma fonte. Heine et al (1991) foram os primeiros a enfatizar essa ideia de que a gramaticalização seria conduzida via *processos metafóricos* que apontam para domínios mais abstratos, entendendo metáfora como estratégia cognitiva que possibilita o surgimento de itens gramaticais, uma vez que atua como uma espécie de veículo na transferência de significados. Posteriormente, outros estudiosos, como Bybee (2003) e Hopper e Traugott (2003 [1993]), entre outros, corroboraram essa postulação.

Heine et al. (1991), com base em princípios da cognição humana, construíram uma escala das categorias cognitivas básicas, cuja disposição unidirecional explica, via metáfora, a utilização de uma categoria mais à esquerda para a codificação de conceitos de categorias que se situam mais à direita, como mostrado no *cline* abaixo.

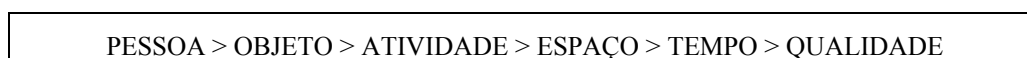


Figura 1. Escala de categorias cognitivas (Heine et al., 1991, p. 157)

A transferência metafórica de uma categoria para outra não implica, necessariamente, a substituição da primeira pela segunda, mas apenas o acionamento de um domínio cognitivo mais concreto para a codificação de outro mais abstrato, pressupondo, nesse processo, a instanciação de fenômenos explicáveis via gramaticalização, mas não unicamente por essa. Com base nessa informação, o uso do verbo *ir* com sentido de deslocamento no espaço coexiste com o uso na forma perifrástica *ir+infinitivo*, em que o verbo *ir* é o responsável pela expressão de tempo futuro, entre outras funções identificáveis nas construções, como veremos mais adiante. Estaríamos, portanto, em franco processo de gramaticalização da construção *ir+infinitivo*, o qual nos permite identificar, em determinados contextos, uma semântica totalmente espacial, mais concreta, como em (01); em outros contextos, uma semântica de deslocamento com uma finalidade, como em (02); em outros, uma semântica ambígua entre espaço e tempo, como em (03); e, em outros, ainda, uma semântica totalmente temporal, mais abstrata, como em (04).¹³

- (01) **vô(u)** bastante pro CLU::be [AC-010; RP; L.290]
 (02) eu **vô(u)** lá às vezes **pa andá(r) a cava::lo** [AC -001; DE; L.139]
 (03) ah... hoje eles **vão pescá(r)** lá, né? [AC-015; RP; L.681]
 (04) olha ele [o quarto] ainda num tá pronto ele **vai reformá(r)** TOTALMENTE né? ele **vai mudá(r)** MUITO mas eu **vô(u)** falá(r) como é que ele tá agora... [AC-006; DE; L.279]

Segundo Heine et al. (1991) uma cadeia de gramaticalização pode ser simbolizada como segue representada na figura abaixo.

$$\boxed{A > (AB) > B \quad \dots \quad Y > (YZ) > Z}$$

Figura 2. Representação das cadeias de gramaticalização (HEINE et al., 1991)

As propriedades dessa cadeia são, segundo os autores, as seguintes:

- (i) as cadeias de gramaticalização apresentam os pontos extremos do processo, que se diferem em seu grau relativo de gramaticalização, em que **Z** corresponde a uma forma gramaticalizada de **A**;
- (ii) qualquer ponto intermediário da cadeia pode ser definido com referência a pontos extremos, o que significa que, quanto mais próximo um sentido está de **A**, menor é a gramaticalização da forma;
- (iii) os diferentes sentidos, ao longo de uma cadeia, também podem ser definidos a partir da relação de um com o outro. Assim, um sentido à esquerda é menos gramaticalizado do que qualquer um a sua direita, e, quanto mais próximos estiverem dois sentidos, mais semelhantes em significado eles o são e menos diferem seus relativos graus de gramaticalização;
- (iv) quanto mais distantes se encontrarem dois sentidos ao longo de uma cadeia, maiores são as chances de eles pertencerem a domínios cognitivos distintos. Assim, **B** pertence ao mesmo domínio cognitivo de **A**, mas a um domínio diferente de **Y** ou **Z**.

O momento do processo em que a interpretação é induzida pelo contexto, ou seja, o momento em que os dois sentidos, ao longo da cadeia, estão mais próximos, é

¹³ Ao final de cada ocorrência seguem, entre colchetes, informações sobre a fonte de onde ela foi extraída, conforme convenções do projeto ALIP. Por exemplo, *AC-010; RP; L.290* indica que a ocorrência foi extraída da Amostra Censo (AC), de número 10, de um tipo de texto “relato de procedimento” (RP), da linha 290. Em lugar do tipo de texto, podem ocorrer outros tipos: narrativa de experiência pessoal (NR), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO) e descrição (DE).

denominado por Heine et al. de **princípio metonímico** (1991). Sendo assim, a gramaticalização é explicada como uma extensão gradual do uso de uma entidade de origem determinada pelo *contexto*. A ocorrência em (03) é um exemplar característico de um processo metonímico, pois, nesse contexto linguístico, o verbo *ir* é polissêmico, ambíguo: tanto pode instanciar uma leitura de deslocamento espacial quanto de deslocamento temporal, conceitos que estão contíguos e disponíveis no contexto. São casos de contiguidade conceitual como esses que levam à reinterpretção de sentidos de uma dada forma/construção.

Além dos processos metafóricos e metonímicos, são também reconhecidos como mecanismos significativos para a mudança em geral a *reanálise* e a *analogia*.

A *reanálise*, segundo Langacker (1977, apud GONÇALVES, 2003) é a “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões sem envolvimento de uma alteração imediata e intrínseca na manifestação superficial”. Um dos tipos mais frequentes de reanálise, e também uma das mais frequentes na gramaticalização, é a fusão de duas ou mais formas, com a junção das fronteiras morfológicas. É importante ressaltar que a reanálise não deve ser vista como sinônimo de gramaticalização, principalmente por causa do princípio da unidirecionalidade, inerente à gramaticalização, mas não à reanálise. A analogia refere-se à atração de formas existentes para construções também já existentes (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]). Os casos de analogia são, muitas vezes, a primeira evidência para o falante de que a mudança está acontecendo.

No tratamento da perífrase constituída por *ir* + *infinitivo* podemos ver a atuação da reanálise e da analogia, como mostradas em (05).

(05) Atuação da reanálise e da analogia na constituição de *ir* + *infinitivo*

a. Estágio I: [estrutura de deslocamento espacial] + [estrutura de finalidade]

em Pocinho de Caldas que fica um po(u)co longe mas acho que... Cal/ o é de Caldas ou de Poços de Caldas num sei que [eu vô(u) lá às vezes] [pa andá(r) a cava::lo] [pra pra fazê(r) um monte de coisa]...[AC-001; DE; L.139]

b. Estágio II: Reanálise estrutural [deslocamento?/ futuridade?]

ah... hoje eles [vão pescá(r)] lá, né? [AC-015; RP; L.681]

c. Estágio III: Analogia [futuridade]

olha ele [o quarto] ainda num tá pronto ele [vai reformá(r)] totalmente né? ele [vai mudá(r)] MUITO mas eu [vô(u) fálá(r)] como é que ele tá agora... [AC-006; DE p.06; L.279]

No estágio I, o verbo *ir*, na construção em que ocorre, tem sentido pleno de deslocamento, porém um deslocamento para uma finalidade. De acordo com Martelotta (comunicação pessoal)¹⁴ é esse o contexto, mais do que qualquer outro mecanismo de gramaticalização, desencadeador da mudança; no estágio II, há a reanálise sintática do verbo pleno *ir* para auxiliar: o locativo *lá*, no final da frase, permite formar a perífrase *ir+infinitivo*, que tem seus limites redefinidos, passando a funcionar como um todo significativo; contudo, esse estágio é ainda polissêmico, permitindo leitura tanto de tempo quanto de deslocamento espacial. No estágio III, é constituída, por analogia à anterior, uma nova oração em que a perífrase constituída marca apenas noção de futuridade, descartando qualquer leitura de movimento espacial.

¹⁴ Por ocasião de sua apresentação no VI Congresso Internacional da ABRALIN, realizado em João Pessoa/PB de 04 a 07 de março de 2009.

Informação relevante nas ocorrências em (05) recai sobre os traços semânticos do sujeito. O verbo *ir*, em seu sentido original de deslocamento, exige sujeito com traço [+animado] e, à medida que se gramaticaliza, vai perdendo essa restrição, como se verifica no último estágio, em que a perífrase ocorre com sujeito [-animado]. Essas ocorrências explicitam a tese de que quanto mais gramaticalizado um item está, mais frequente ele passa a ser no discurso, porque maior é número de contextos linguísticos em que ele é admitido.

Não só forma fonte (*ir=deslocamento*) e formas mais gramaticalizadas (*ir+infinitivo*) divergem funcionalmente. Conforme mostraremos a seguir, dentre as próprias construções mais gramaticalizadas, existem diferentes nuances semântico-pragmáticas, o que vem a comprovar o postulado da gramaticalização de que a mudança nunca ocorre bruscamente; pelo contrário, é sempre gradual, podendo uma mesma forma designar diferentes funções, como prevê o *princípio da divergência* (HOPPER, 1991). Assim, dentre as construções *ir+infinitivo*, há aquelas que estão menos *conectadas* (menos gramaticalizadas) e outras mais *conectadas* (mais gramaticalizadas) (LEHMANN, 1995 [1982]), e, para cada grau de gramaticalidade, haverá uma função semântico-pragmática predominante. Partimos, portanto, do princípio de que a multifuncionalidade de *ir+infinitivo* é decorrente da manifestação de diferentes graus de gramaticalidade dessa construção.

2. Metodologia para a análise da multifuncionalidade de *ir+infinitivo*

Metodologicamente, descrevemos as diferentes funções de *ir+infinitivo*, tomando por base amostras de fala do PB contemporâneo, variedade riopretana, integrantes do banco de dados IBORUNA, de responsabilidade do projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (GONCALVES, 2007).

Empregando as noções de *token* e *type* (LYONS, 1977; BYBEE, 2003), procedemos a uma análise qualitativa de ocorrências de *ir+infinitivo* (*tokens*), com o intuito de agrupá-las por funções (*types*) sincronicamente associadas à construção. Assim, identificamos no *corpus* diferentes funções semântico-pragmáticas de *ir+infinitivo*: *aspectual*, *temporal* e *modal*.

Para a análise qualitativa, selecionamos ocorrências prototípicas de cada função (*type*), a partir das quais propomos uma trajetória de gramaticalização de *ir+infinitivo* dentro do processo maior de gramaticalização das categorias verbais. Concebida apenas como hipótese de gramaticalização, nos termos de Hopper e Traugott (1993), tal trajetória teria sua comprovação por meio de investigação diacrônica, primeiramente, e, secundariamente, por meio da aplicação de critérios de auxiliaridade (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002) a cada um dos *types* encontrados, objetivos que reservamos a trabalhos posteriores.

3. A multifuncionalidade de *ir+infinitivo*:

3.1 Função Aspectual

O traço semântico essencial para que uma perífrase seja classificada como predominantemente aspectual é o de [+/- duração]. Em ocorrências de *ir+infinitivo*, identificamos a atualização de três tipos de aspecto, *Iterativo*, na face quantitativa, e *Perfectivo* e *Imperfectivo*, na face qualitativa (CASTILHO, 2002), conforme mostramos a seguir.

(a) Aspecto imperfectivo iterativo: identificado em ocorrências em que V1 aparece conjugado no presente do Indicativo.¹⁵ Exemplificam essa classificação ocorrências em que o estado-de-coisas não foi terminado e, por meio das quais a intenção do falante é mostrar a repetição ou habitualidade do evento, conforme verifica-se em (06a):

(06) IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO

(a) ele por enquanto ele num tá estudan(d)o mas ele chega já **vai dormi(r)** porque... ele chega muito cansado. [AC-022; NE; L.206]

(b) ele por enquanto ele num tá estudan(d)o mas ele chega já **dorme** porque... ele chega muito cansado...

Em (06a), ainda que não haja a presença de um circunstante aspecto-temporal, é perceptível que o falante descreve a rotina de outrem. A construção é a forma escolhida pelo falante, porque o que ele busca é marcar a habitualidade do estado-de-coisas, fato comprovado pela atemporalidade do grupo verbal, que pode, nesse contexto, ser substituído pelo Presente do Indicativo (tempo zero), como mostra (06b).

(b) Aspecto imperfectivo inceptivo: expressa-se em construções em que V1 ocorre no Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo. Estão sob esse *type* ocorrências em que o evento é atético e por meio das quais o falante focaliza apenas o início do estado-de-coisas, sem fazer referência ao seu completamento ou não. É o que mostramos em (07a), (08a) e (09a).

(07) IR_{PRET. IMPERF. IND.} + INFINITIVO

(a) ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormi(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ **ia acendê(r)** um cigarro pra pra fumá(r)... [AC-001; NR; L.91]

(b) ele se trancô(u) no quarto falan(d)o que ia dormi(r) aí quando meu amigo foi vê(r) ele tava ten/ ele tem/ **acendia** um cigarro pra pra fumá(r)...

Em (07a) fica claro que o falante usa a construção para mostrar o início de um evento; trata-se de um estado-de-coisas não-terminado, e há também um valor secundário de tempo passado que pode ser confirmado pela paráfrase em (07b).

(08) IR_{PRET. IMPERF. IND.} + INFINITIVO

(a) sempre fico é lá no FUNdo mesmo que tá é bem gostoso tem:... um jardim:: assim cheio de gra::ma... tem a ducha lá que é onde... **ia tê(r)** pisCIna... agora num vai mais. [AC-010; DE; L.197]

(b) sempre fico é lá no FUNdo mesmo que tá é bem gostoso tem:... um jardim:: assim cheio de gra::ma... tem a ducha lá que é onde... **teria** pisCIna... agora num vai mais.

Em (08a), a leitura aspectual imperfectiva inceptiva parece se dever a três fatores: (i) a flexão verbal de V1 no Imperfeito do Indicativo, tempo prototípico de atualização desse tipo de aspecto; (ii) a perífrase denota em evento que, embora não realizado, tem colocado em foco seu início; (iii) pela oração que se segue, a qual mostra que, de fato, o estado-de-coisas não foi acabado. É importante salientar que a construção *ia ter* tem valor de Futuro do Pretérito (*teria*), conforme mostra a paráfrase em (08b). Para muitos estudiosos, o futuro, em si, bloquearia o aspecto (TRAVAGLIA, 1981).

¹⁵ Alternativamente, para a construção em análise, V1 designa o verbo *ir*, e V2, o verbo no infinitivo.

Contudo, a presença da segunda oração parece ser um recurso de que o falante se vale para explicitar que, de fato, o estado-de-coisas expresso pela perífrase verbal não foi terminado, apontando, assim, para o tempo interno de realização de um estado-de-coisas, que poderia ter se realizado, mas não se realizou.

(09) IR_{PRET. PERF. IND.} + INFINITIVO

(a) aí eu fui/ aí eu entr/ é:: aí eu:: entrei... com ela... com a cachorra pesada pela janela... SÓ que aí eu num lembro o quê que eu fui pegá(r) acho que eu **fui pegá(r)** algum brinquedo MEU e fui afastar a porta... elas saíram [AC-006; NE; L.85]

(b) aí eu fui/ aí eu entr/ é:: aí eu:: entrei... com ela... com a cachorra pesada pela janela... SÓ que aí eu num lembro o quê que eu fui pegá(r) acho que eu **peguei (?)** algum brinquedo MEU e fui afastar a porta... elas saíram

Em (09a), embora V1 esteja conjugado no Pretérito Perfeito do Indicativo, não é possível uma paráfrase da construção apenas pela forma sintética de V2 conjugado nesse tempo verbal, porque nada se pode dizer sobre o completamento ou não do evento, como se verifica em (09b). Parece predominar uma leitura aspectual imperfectiva inceptiva, já que o falante coloca em foco apenas o início de um evento em que a telecidade é indeterminada; há também, ainda que em segundo plano, uma leitura de tempo passado.

(c) Aspecto perfectivo: expresso em construções em que V1 está flexionado no Pretérito Perfeito do Indicativo e que o evento é marcado como terminado, conforme se verifica em (10a):

(10) IR_{PRET. PERF. IND.} + INFINITIVO

(a) uma amiga minha **foi viajá(r)** pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito... [AC-004; NR; L.62]

(b) uma amiga minha **viajou** pra Laranjais e ela achô(u) o hotel de lá muito bonito...

Em (10a), três evidências contribuem para a identificação do aspecto perfectivo: (i) o tempo verbal em que o auxiliar vem flexionado, Pretérito Perfeito, prototípico de atualização do aspecto perfectivo; (ii) a possível paráfrase do grupo verbal pelo pretérito perfeito, como mostra (10b) e (iii) a segunda oração, que vem a confirmar que, de fato, o estado-de-coisas descrito pela perífrase aconteceu. É interessante observar que o aspecto perfectivo só pôde ser percebido, como leitura predominante sobre a de tempo (passado), pela combinação dessas três evidências; somente a flexão do auxiliar no pretérito perfeito parece-nos não ser suficiente para afirmar que o estado-de-coisas é, de fato, acabado. Tal hipótese pode ser justificada pelo fato de que **IR_{PRET. PERF. IND.} + INFINITIVO** não é parafraseável, em quaisquer contextos, pelo Pretérito Perfeito, não se constituindo, sempre, variantes de uma mesma função. A ocorrência (09a) corrobora essa análise.

3.2 Função Temporal

Ainda que reconheçamos diferentes flexões de tempo (*tense*) na perífrase *ir+infinitivo*, a função temporal propriamente dita, aquela que se sobrepõe às demais leituras de aspecto ou modo, pode ser verificada em ocorrências que contenham o traço semântico-pragmático [+ asseverativo]. Isso pode ser verificado nas subfunções que elencamos a seguir.

(a) Tempo futuro imediato: leitura predominante em ocorrências em que V1 aparece flexionado no Presente do Indicativo e em que o falante compromete-se com o valor de verdade do enunciado, conforme verifica-se em (11a):

(11) IR_{PRESENTE IND.} + INFINITIVO

(a) olha ele (quarto) ainda num tá pronto ele **vai reformá(r)** TOTALMENTE né? ele **vai mudá(r)** MUITO mas eu **vô(u) falá(r)** como é que ele tá agora... [AC-006; DE; L.279]

(b) olha ele (quarto) ainda num tá pronto ele **reformulará** TOTALMENTE né? ele **mudará** MUITO mas eu **falarei** como é que ele tá agora...

Em (11a), parece inequívoca a certeza do falante sobre a realização do estado-de-coisas, ainda que se trate de um evento futuro. A leitura de Tempo pôde ser identificada como predominante pela presença do traço [+asseverativo] e pela possível paráfrase com o futuro sintético mostrada em (11b). Embora seja possível atribuir à perífrase uma leitura modal epistêmica de certeza, esta é secundária e atribuível ao que é próprio do modo Indicativo.

(b) Tempo Futuro do Pretérito: manifesta-se em ocorrências em que V1 ocorre no Pretérito Imperfeito do Indicativo e em que o grupo verbal é parafraseável pelo futuro do pretérito. Deve estar também presente o traço [+asseverativo]. Essa função pode ser identificada em (12a):

(12) IR_{PRET. IMPER. IND.} + INFINITIVO

(a) um moleque maior falô(u) que **ia batê(r)** nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele... [AC-067; NR; L.170]

(b) um moleque maior falô(u) que **bateria** nele na hora do recreio... por motivo num sei o que lá e brincade(i)ra lá e começô(u) empurrá(r) ele...

Na ocorrência em (12a) há a marcação de um tempo futuro em relação a um ponto de referência passado; contudo, toda essa situação já ocorreu em um passado (PR - MF - ME); essa distância temporal é favorecida também pelo tipo de texto Narrativo. O domínio da leitura temporal pode ser aqui identificado pela presença do traço [+asseverativo], já que o falante, ao enunciar o evento como futuro, tem convicção de sua realização e pela possibilidade de paráfrase com futuro do pretérito em (12b). A construção *ir+infinitivo* ocorre em uma oração encaixada e se atualiza por meio do discurso indireto, comportamento este bastante recorrente em tempos relativos (FLEISCHMANN, 1982).

3.3 Função Modal

Para todas as funções modais identificadas em nossas ocorrências, há um valor secundário de futuridade implícito, uma vez que, na expressão do tempo futuro, as categorias tempo e modo estão muito imbricadas. O domínio da função modal é atribuível pelo fato de as perífrases fazerem parte de construções não-asseverativas, pois o falante não está certo quanto à realização do estado-de-coisas, projetando muito mais seu “querer” e uma “expectativa” do que a localização de um evento em momento posterior ao momento da fala, não sendo possível, portanto, reconhecer aí função predominantemente temporal, mas modal.

Três foram os tipos de funções modais identificadas: (i) *modalidade orientada para o falante* (ordem, pedido); (ii) *modalidade orientada para o agente* (desejo, obrigação,

permissão); (iii) *modalidade epistêmica* (possibilidade) (BYBEE et al., 1991). À exceção da primeira, em todas as demais funções a forma perifrástica poderia constituir uma alternante da expressão de futuro na sua forma sintética. Porém, como veremos nas análises que se seguem, nesses casos não é a noção de futuridade que se sobressai, mas a de modalidade.

(a) Modalidade orientada para o falante: identificada em ocorrências em que V1 encontra-se flexionado no Presente do Indicativo e na Primeira Pessoa do Plural, explicitando uma força ilocucionária hortativa (convite/encorajamento), como mostrado em (13a).

(13) IR_{IMPERATIVO} + INFINITIVO

(a) –“**vamo(s) de(i)xa(r)** a madrinha gritá(r) aí... nem dá atenção pra ela que ela é assim me(s)mo” [AC-005; NE, L.25]

(b) *–“**deixaremos** a madrinha gritá(r) aí... nem dá atenção pra ela que ela é assim me(s)mo”

Em (13a), a construção indica um convite/encorajamento do falante ao ouvinte para a realização conjunta de um dado estado-de-coisas. Essa função propicia a leitura preponderante de modalidade orientada para o falante, pois está mais relacionada à intenção do falante em ver realizado o estado-de-coisas. Contudo, é possível identificarmos a presença do traço semântico de *irrealis* do evento codificado pelo verbo principal, o que nos permite também uma leitura, ainda que secundária, de tempo futuro, não constituindo, entretanto, forma alternante de futuro sintético, conforme mostrado em (13b).

(b) Modalidade orientada para o agente: expressa-se em construção em que o verbo *ir* ocorre flexionado no presente do indicativo, com nuances semânticas que vão do desejo à obrigação, como mostrado em (14a) e (15a):

(14) IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO

(a) eu gosto MU::ITO de animal amo ... **vô(u) sê(r)** bió::loga... quero me formá(r) em bióloga [AC-006; RO; L.553]

(b) eu gosto MU::ITO de animal amo ... **serei** bió::loga... quero me formá(r) em bióloga

Em (14a), a construção perifrástica *vou ser* expressa intenção/desejo, implícita no auxiliar, leitura que parece estar em primeiro plano e conduzir à identificação de futuridade remota, uma vez que intenção implica evento que se pretende realizar (futuro). Nessa ocorrência, a noção modal de volição é ainda intensificada pela paráfrase feita pelo falante, em seu próprio discurso, na qual utiliza o auxiliar modal *querer* (*quero me formá(r) em biologia*). Possível alternância com futuro sintético, em (14b), confirma o valor de futuridade subjacente ao de modalidade.

(15) IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO

(a) é umas esfe::ra... no começo do jogo ele mandô(u)/... ele mostrô(u) pra nós onde tá as esfe::ras né?... cada um **vai buscá(r)** a sua...[AC-015; RP; L.698]

(b) é umas esfe::ra... no começo do jogo ele mandô(u)/... ele mostrô(u) pra nós onde tá as esfe::ras né?... cada um **deve buscá(r)** a sua...

(c) é umas esfe::ra... no começo do jogo ele mandô(u)/... ele mostrô(u) pra nós onde tá as esfe::ras né?... cada um **buscará** a sua...

A construção *vai buscá(r)*, em (15a), é utilizada com o intuito modal de mostrar que o ouvinte tem a “obrigação” de realizar um determinado estado-de-coisas, visto tratar-se de um procedimento para que se atinja determinados fins. Essa interpretação é adequada pela possibilidade de paráfrase de *ir* pelo modal deôntico *dever*, com sentido de obrigação, como mostrado em (15b). Secundariamente, pode-se perceber também uma leitura de futuridade, confirmada pela possível utilização do futuro sintético em analítico, como mostrado em (15c).

(c) Modalidade Epistêmica de Possibilidade: predominante em ocorrências em que V1 aparece flexionado no Presente do Indicativo, Pretérito Imperfeito e Futuro do Subjuntivo. Coocorrem em contextos mais específicos, que favorecem a codificação dessa função, como é o caso das ocorrências em (16a), (17a) e (18a).

(16) IR_{PRES.IND.} + INFINITIVO

(a) deixa eu vê(r) se eu **vô(u) lembrá(r)** como é que ela conheceu ele... ah eu num lembro não. [AC-006; NR; L.192]

(b) deixa eu vê(r) se eu **lembrarei** como é que ela conheceu ele... ah eu num lembro não.

Em (16a), em um primeiro plano, temos uma leitura modal de possibilidade, já que o falante tem dúvidas a respeito da factualidade daquilo que pretende dizer. A leitura modal é favorecida também pelo escopo da oração principal *deixa eu ver (se)*, funcionando aqui como *proposição modalizadora* (KOCH, 1986) de probabilidade sobre a perífrase. Uma leitura de futuridade também pode ser feita, haja vista a possível substituição pelo futuro simples, como mostra (16b), porém menos evidente.

(17) IR_{PRET. IMPERF. SUBJ.} + INFINITIVO

(a) a gente vivia na quadra jogan(d)o vôlei quando o futebol num ia treiná(r) lá dentro se o futebol **fosse treiná(r)** a gente que... arrumasse o(u)tro lugar... [AC – 074; RO; L. 481]

(b) a gente vivia na quadra jogan(d)o vôlei quando o futebol num ia treiná(r) lá dentro se o futebol **treinasse** a gente que... arrumasse o(u)tro lugar...

Em (17a) há o predomínio da função modal epistêmica, porque o falante elabora a proposição como uma possível alternativa de realização de um estado-de-coisas; esse valor é intensificado pela paráfrase com o pretérito imperfeito do subjuntivo, como mostra (17b), já que, no modo subjuntivo, os traços *irrealis* e não-asseverativo são evidentes. Mesmo que não seja possível uma substituição da perífrase pelo futuro simples, o traço *irrealis* corrobora a presença de uma noção de futuridade, ainda que menos evidente.

(18) IR_{FUT.SUBJ.} + INFINITIVO

(a) se você **for fazê(r)** um pe(i)xe tal aí cê joga só:: um po(u)quinho de sal a hora que ela tivé(r) na caminha né?... [AC – 100 – RP- L.328 – P.08]

(b) se você **fizer** um pe(i)xe tal aí cê joga só:: um po(u)quinho de sal a hora que ela tivé(r) na caminha né?...

Em (18a), o falante enuncia o estado-de-coisas como uma possibilidade, daí o predomínio da função modal epistêmica; há também um valor de futuridade secundário comprovado pela possível paráfrase com o futuro do subjuntivo, como mostra (18b). Importante salientar que construções condicionais parecem favorecer o predomínio da modalidade epistêmica. Por estarem no plano hipotético, os estado-de-coisas preditos estão mais relacionados a fatos possíveis do que a fatos certos.

3.4 Outras funções de *ir+infinitivo* para além do complexo TAM

Para além das funções de tempo, aspecto, modo/modalidade (TAM), sincronicamente, identificamos também para a construção *ir+infinitivo* funções ambíguas (19) e de marcador discursivo (20), conforme seguem ocorrência exemplificativas de cada caso.

(a) Função ambígua: manifesta-se em construções em que V1 e V2 são independentes semânticamente e, portanto, não estão totalmente conectados; geralmente, há a presença de locativos entre V1 e V2, conforme mostra (19a).

(19) IR_{Pres. Ind.} + Infinitivo

(a) é muito difícil tê(r) isso (círculo bíblico)... e na igreja evangé::lica Jeová:: TODas têm... só a católica que tá sumin(d)o porquê? porque es::ses católicos que se DIZem católicos num **vão** na igreja **trabalhá(r)**... [AC 023; RO; L.574]

(b) * é muito difícil tê(r) isso (círculo bíblico)... e na igreja evangé::lica Jeová:: TODas têm... só a católica que tá sumin(d)o porquê? porque es::ses católicos que se DIZem católicos num **trabalharão** na igreja...

Em (19a), parece haver uma sobreposição de leituras que se deve ao fato da perífrase ainda não estar totalmente conectada. São possíveis leituras de deslocamento, de finalidade e de aspecto iterativo. Não cabe, nesse tipo de ocorrência, paráfrase pelo futuro sintético, como mostra (19b).

(b) Função de Marcador Discursivo: função predominante em ocorrências em que V1 aparece flexionado no Presente do Indicativo e em que há um funcionamento em bloco; a forma é de uma expressão cristalizada, conforme ilustra (20a).

(20) Ir_{Presente Ind.} + Infinitivo

(a) então esse CREme eu **vô(u) te falá(r) pra você** ele vai **vamo(s) supor** cê põe três litro de leite [AC-89; RP; L.105]

(b) * então esse CREme **falarei** pra você ele vai **suporemos** cê põe três litro de leite

Em (20a), as duas construções destacadas funcionam como marcadores discursivos, sinalizando estratégias do falante durante a interação verbal na organização do seu discurso. Não é possível paráfrase pelo futuro sintético, conforme se verifica em (20b), já que o uso dessa forma daria à sentença um valor semântico diferente do pretendido pelo falante ao utilizar a forma analítica.

À guisa de conclusão

Amparados em estudos anteriores (BYBEE, 1985) sobre a ordem de ocorrência de morfemas verbais flexionais e conseqüente gramaticalização das categorias verbais

flexionais, buscamos comprovar a possibilidade de a gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorrer em um processo maior de gramaticalização das categorias verbais.

Bybee (1985) apresenta, por meio de estudo interlinguístico, o comportamento das categorias flexionais *valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância*; analisa a frequência de ocorrência dessas categorias nas línguas do mundo, sua ordem de ocorrência com relação ao radical, e o efeito morfo-fonêmico que elas exercem sobre ele. Dentre as categorias abordadas pela autora, focamo-nos apenas nas de *aspecto, tempo e modo* (TAM), intrinsecamente relacionadas ao nosso fenômeno em estudo.

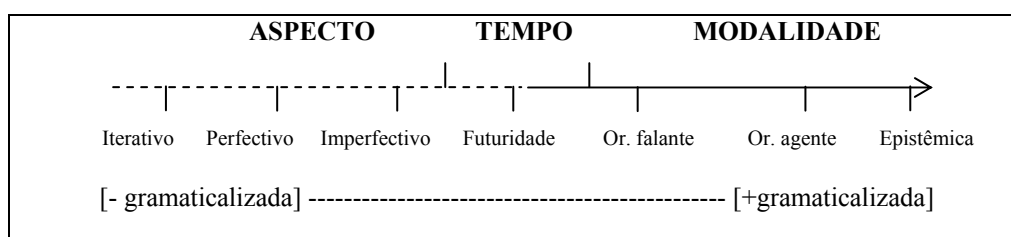
Embora o trabalho de Bybee (1985) esteja direcionado aos morfemas flexionais, parece-nos viável aplicar seus postulados à análise de *ir+infinitivo*, uma vez que, nessa construção, V1 tem comportamento funcional muito semelhante ao dos morfemas flexionais; são eles os responsáveis por toda a marcação morfológica do grupo verbal.

De acordo com a autora, a categoria verbal aspecto refere-se exclusivamente a uma ação ou estado descrito pelo verbo. Ele não afeta os participantes e nem se refere a eles. Por isso, aspecto é a categoria mais relevante para a significação encerrada pelo radical do verbo, pois está mais diretamente ligada ao seu sentido lexical. Por esta razão, podemos pensar que essa seria uma categoria menos gramaticalizada. Com relação à categoria Tempo, a autora apresenta ser este não tão relevante para o verbo, como aspecto o é. Por outro lado, é mais relevante do que categorias como modo e concordância.

Já a categoria Modalidade, tem a proposição em seu escopo, não modifica apenas o verbo. Além disso, argumenta a autora, como ele expressa a atitude do falante, não tem uma relação direta com a situação descrita pelo verbo. Isso nos leva a pensar que modo/modalidade é menos relevante para o verbo do que o aspecto e o tempo o são e, por assim se manifestar, essa categoria é a mais gramaticalizada.

Com base nesse estudo de Bybee, é possível hipotetizarmos que a gramaticalização de *ir+infinitivo* ocorra dentro de um processo maior de gramaticalização das categorias verbais, conforme mostra o quadro abaixo.

Quadro 02. Cline de gramaticalidade das funções de *ir+infinitivo*



Ao mesmo tempo em que confirmamos a relevância dos estudos tipológicos de Bybee, relativamente às categorias do complexo TAM, pudemos propor uma trajetória de gramaticalização para as construções de *ir+infinitivo* do PB. Fica, entretanto, por confirmar se, de fato, essa ordem universal de gramaticalização proposta no quadro acima se instancia diacronicamente e se ela se conforma também aos diferentes graus de gramaticalidade de cada *type* de *ir+infinitivo*, verificável por meio da aplicação de critérios de auxiliaridade (LOBATO, 1975; LONGO, 1990; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002), temas que pretendemos desenvolver em trabalho futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: Hucitec, 1980.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam, Philadelphia, 1985.

_____. Mechanism of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (Eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-58.

CASTILHO, A. Aspecto Verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p. 83-121.

GONÇALVES, S.C.L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso do português do Brasil*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2003.

_____. *Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) – o português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados para seu estudo*. Relatório final de pesquisa à FAPESP, 2007.

GIBBON, A.O. *A expressão do Tempo Futuro na Língua Falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Focus on theoretical and Methodological issues. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, N. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

_____; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

KOCH, I.V. A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa. *Estudos Linguísticos*, v. 13, p. 227-36, 1986.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. 2 revised. Munich: LINCON EUROPA, 1995 [1982].

LOBATO, L. M. P. Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo – Critérios de Auxiliaridade. In: _____. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LONGO, B. N. O. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística.) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1990.

_____; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.

LYONS. J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

SILVA, A. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.